

TEATRO

16, 17, 18 MARÇO 2017

Triple Threat

Tripla Ameaça

de Lucy McCormick

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Autoria Lucy McCormick **Diretora de entretenimento convidada** Ursula Martinez **Com** Lucy McCormick, Samuel Kennedy e Lennie **Uma encomenda** hÁb and Contact for Works Ahead **Apresentado em associação com** Soho Theatre **com apoio de** Marlborough **e financiamento de** Arts Council England **Estreia** 4 de agosto de 2016, Underbelly, Edimburgo

Qui 16, sex 17, sáb 18 de março
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M18
Em inglês, sem legendas

Triple Threat

Uma experiência-experiencial-trash-step-dub-punk-nu-wave-pós-popular-não-binária-e-socialmente-empenhada

Em *Triple Threat* tento fazer uma reconstituição do Novo Testamento, com a ajuda de dois bailarinos.

A peça desmonta e casa interesses pelo feminismo, pós-feminismo, sucesso, falta de jeito e lugares da identidade *queer*.

Servi-me parcialmente de inspiração um interesse continuado pela crença Quaker em “Deus” como a consciência moral de cada um – “Deus em toda a gente”. A peça passa por ter-me a mim a fazer de Homem Supremo, bem como de várias mulheres arquetípicas, e é uma ótima maneira de transmitir os meus interesses e frustrações relativamente à política de género e ao discurso feminista.

A premissa é claramente ridícula, falhada antes de começar, e a peça serve-se do humor como moeda corrente. A comédia tem uma tensão retorcida, sombria e niilista de inspiração filosófica e semiótica, e é informada por diversas variedades de trabalho performativo: *clown*, teatro do absurdo, *performance* e cabaret.

Comecei a desenvolver a peça como uma “série de reconstituições bíblicas” para discotecas e cabarets subversivos. Soube desde cedo que queria trabalhar com dois bailarinos. Embora o meu trabalho esteja agora ligado à *performance*, tenho uma formação tradicional em dança e teatro musical (daí o nome do

espetáculo, *Triple Threat* – o termo que se dá a um intérprete de teatro musical capaz de representar, cantar e dançar a um nível profissional) e quis emparelhar a estética suja e faça-você-mesmo da *performance* com o virtuosismo coreográfico de números cantados e dançados.

No espetáculo, reconto histórias que a maior parte das pessoas já conhece, e que estão incrustadas no pensamento e estereótipos ocidentais. É possível recorrer a muita diversão travessa ao decidir como reencená-las, e ter um ponto de referência coletivo é útil na medida em que qualquer subversão do original é normalmente muito óbvia. Usar uma história “sagrada” ajuda à grosseria, brevidade e absurdo que são para mim importantes neste trabalho. Gosto de obras alternadamente cómicas e desafiantes.

Há alguma utilização de trabalho de corpo/nudez no espetáculo, o que para mim tem sobretudo a ver com recontextualizar a imagética e tentar alcançar a minha própria agência dentro do paradigma de uma sociedade capitalista, binária e pós-feminista. Uso o meu corpo com uma dose generosa de irreverência. É quase um adereço... Uma maneira de ilustrar algo ou ridicularizar ainda mais a narrativa do espetáculo. Tem sido importante e interessante para mim desligar o corpo do sexo, ou da sensualidade. Mas este espetáculo não procura chocar, quanto muito diria que explora uma *performance* despreocupada do radicalismo.

Lucy McCormick

Do convento para o cabaret

O espetáculo de Lucy McCormick chama-se *Triple Threat*: um termo que descreve intérpretes que cantam, dançam e representam. Ela satisfaz os requisitos – mas essa não é a única tripla ameaça colocada por este acontecimento que reduz fronteiras a pó, já que McCormick lança um ataque total às nossas suposições sobre a feminidade, a cultura pop e a história cristã. Como diz? Não faz suposições. Bem, eu também não achava que fazia, até ver McCormick em ação.

O espetáculo – que rasgou o Fringe de Edimburgo – é uma abordagem para maiores de 18 do Novo Testamento, com “*vogueing*, baladas sentimentais e *performance art*”. Trazida até nós por McCormick a fazer de Jesus e dois acompanhantes musculados em cuecas, cobre o nascimento do filho de Deus, a vida e a morte temporária em três capítulos.

Começou, explica ela, como uma série de números de cabaret sazonais criados para a cena noturna *queer*. “Fiz uma *performance* inspirada na Quaresma no Duckie, uma *performance* de Páscoa no festival Buzzcut e uma Ascensão no Queer Futures em Glasgow. E adorei a sensação de usar as histórias sagradas desta maneira, com canções pop, danças e *performance art*. Havia qualquer coisa que funcionava, enquanto bem mais do que apenas uma paródia da cultura pop.”

É porque também está a parodiar a religião. O cristianismo já não é tão sagrado como antigamente – mas a

mistura de mau gosto que McCormick faz com *trash-pop*, *performance* ousada e a vida de Jesus ainda parece transgressiva. E no entanto, *Triple Threat* é tanto apropriação da história cristã (e na verdade da cultura pop) quanto crítica.

Sim, McCormick parodia a política de género retrógrada de ambas. Mas também canta e dança fantásticamente, e sequestra aquilo a que chama a escala “épica, dramática” da história de Jesus para produzir o seu próprio drama épico. “Dá-me muitas oportunidades para me exhibir”, diz com agrado. O espetáculo “é maciçamente sobre a ideia do meu ego, celebrando-o e ao mesmo tempo desautorizando-o completamente”.

É isso em grande parte que faz com que *Triple Threat* seja tão cómico: o solipsismo voraz de McCormick (“Quero ser famosa!”) a servir de anfitrião – uma sátira, diz ela, “daquela coisa toda da cultura pop como uma nova religião”. Depois há a irreverência escabrosa: Judas e Jesus aos beijos fogosos; salsichas de Frankfurt projetadas em vez de incenso [*frankincense*]; os Reis Magos a mexer as ancas ao som de Christina Aguilera. A cena de que toda a gente em Edimburgo falava a meia-voz era o restauro sexualmente explícito da história da incredulidade de São Tomé, na qual, para confirmar a identidade do Messias, Tomé tem de sondar bem mais do que os buracos nas mãos de Jesus.

Nesta época desprovida de Deus, seria de esperar que esta afronta às conveniências sexuais e femininas (“Reivindicar agência sobre o meu próprio corpo feminino”, chama-lhe

McCormick) ofendesse mais do que o seu material cristão. Mas na prática, poucos protestaram. “Ando há anos a fazer peças que dividem as opiniões”, diz McCormick – principalmente com o trio de *performance art* GETINTHEBACKOFTHEVAN, em cujo espetáculo de 2015, *Number 1, The Plaza*, ela passava a maior parte do tempo untada de merda.

Pareceu um risco trazer *Triple Threat* da cena LGBTQ para o Fringe de Edimburgo, onde iria ser apresentado perante um público de teatro generalista. “Sabia que ia ferir algumas susceptibilidades”, diz McCormick. Mas ficou agradavelmente surpreendida, tanto pelas pessoas que vieram – “Achei que iam ser todos novos, mas houve uma grande variação etária” – como pelo reduzido número de saídas a meio.

Isto porque, se se conseguir ultrapassar a nudez, a blasfémia e a Nutella a rodos, o espetáculo é incrivelmente divertido. E estranhamente respeitoso, também: a cena final de McCormick, retratando a dor de Maria diante da crucificação do filho, é crua, barulhenta e indiscutivelmente comovente. “Queria que a peça fosse sombria e fizesse pensar, mas também queria conquistar as pessoas. Quando alguns espectadores veem que eu sou capaz de cantar a um alto nível e que há danças altamente coreografadas, isso para eles legitima o resto da peça – todas as coisas nojentas que faço com comida, ou o meu corpo.”

Sobretudo, diz McCormick, ela fez o espetáculo que queria ver. “Limitei-me a tentar recontar esta história com o meu corpo, que é um corpo de mulher, e

as minhas referências, que são referências pop atuais. Com estas ferramentas, como é que eu recontaria esta história?”

Tendo obtido enorme sucesso – tem uma carreira substancial no Soho Theatre planeada para o início de 2017 – o que se segue para McCormick? Ela adoraria testar o material com um público de comédia. “Sempre quis fazer isso. Agora já o testámos como teatro, mas ainda não sei se é o enquadramento certo.” Ao longo do outono, tem mais sessões de cabaret bíblico agendadas de novo no circuito das discotecas. “Só porque fiz um espetáculo de uma hora, isso não é o fim do projeto. Vou continuar a fazer as versões mais curtas. E depois disso – bem, talvez faça o Antigo Testamento.”

Brian Logan

The Guardian, 1 de setembro de 2016

Lucy McCormick

Lucy McCormick faz instalações em discotecas, intervenções de cabaret e grandes espetáculos teatrais. É ainda cofundadora da companhia de performance GETINTHEBACKOFTHEVAN (www.getinthebackofthevan.com).

Trabalha como intérprete *freelancer* para artistas como Tim Etchells, Lauren Bari Holstein, David Hoyle, Dickie Beau, Scottie e Richard DeDomenici.

Samuel Kennedy

Samuel Kennedy é um artista londrino de dança e *performance* independente. Como intérprete trabalhou entre outros com Yvonne Rainer, Franko B, Charles Linehan, Pablo Bronstein, Joe Moran, Rahel Vonmoos, Simon Vincenzi, Robert Clark e Alex Baczycki-Jenkins. Como criador, apresentou o seu trabalho na Holanda, Suécia, Alemanha e Reino Unido. O seu trabalho centra-se na experiência ao vivo e pode manifestar-se enquanto *performances* de vídeo, duracionais e instalações. O seu trabalho procura religar-se ao sublime e emprega ação e imagem como portadoras de conteúdo.

Lennie

Lennie estudou na Rambert School of Ballet and Contemporary Dance em Londres antes de se juntar aos BalletBoyz como bailarino aprendiz na sua digressão britânica em 2013. Desde que se formou, entrou em peças de Russell Maliphant, Stephen Pelton,

Chrissie Ardiff e Andrew Hard-edge. É codirector da companhia de teatro-dança PanicLab, tendo trabalhado com Joseph Mercier em *The Rite of Spring*, *Of Saints and GoGo Boys*, *R.I.O.T.*, *Dark Waters*, *Theseus Beefcake* e *The Fox and The Hound*. Lennie cria e atua com Lucy McCormick desde 2014.

Próximo espetáculo

Carlos do Carmo

Música Sáb 25 de março

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M6



© Simon Frederick

Carlos do Carmo, com os seus acompanhantes habituais, vem cantar fado tradicional. Tão simples e tão novo.

Próximo espetáculo de teatro

O Cinema

de Annie Baker. Um espetáculo dos Artistas Unidos

Teatro De qua 19 a dom 23 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 (dom 17h)
Duração aprox. 2h30 · M12



© Jorge Gonçalves

Insistindo num realismo a que chamamos americano, rarefeito e dilatado até parecer outra coisa, Annie Baker (Prémio Pulitzer, 2014) escreve aqui uma elegia: pelo cinema, pelo trabalho. Este é um teatro melancólico, finamente observado, duro e generoso, cómico quase sempre.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt